

Artista alagoano vence as barreiras do corpo

Experiência vira obra que será lançada durante a Bienal do Livro

MAURÍCIO GONÇALVES
REPÓRTER

O corpo é nu. Atraente ou não, é nu. Despido de preconceito, puro corpo, nu como a verdade, como a luz no nascimento de um bebê. Na sociedade de consumo, a nudez é relacionada ao que convém olhar como belo, mas o corpo pode ser diferenciado: por paralisia infantil, acidente de carro, tetraplegia ou vários outros motivos.

No caso do teatrólogo alagoano Felipe Monteiro, 24 anos, foi a amiotrofia espinhal progressiva que desenhou o seu corpo diferenciado e definiu todas as linhas do seu destino, da tenra idade sem bater as perninhas à pós-graduação em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Da cadeira de rodas para a ribalta, mesmo sem poder mexer o corpo, Felipe desenvolveu justamente uma performance corporal. A genial experiência de palco (e de vida) se configurou na dissertação de mestrado do teatrólogo, será lançada como livro na Bienal da Editora da Universidade Federal de Alagoas (Edufal) e foi selecionada a participar do Festival Internacional de Teatro, na cidade de Mazatlán, no México, entre os dias 7 e 10 de outubro.

Inspirado na artista plástica mexicana Frida Kahlo, a performance "Kahlo em Mim Eu e(m) Kahlo" questiona os estigmas dos corpos diferenciados para "tirar esse ranço de preconceito, de deficiência", como afirma o



FOTOS RICARDO LÉO



FELIPE MONTEIRO
TEATRÓLOGO

"Eu quis mostrar que, na verdade, somos todos dependentes um do outro e que o meu corpo diferenciado apenas exacerba esta dependência"

mestre Felipe. Assim como Frida, ele não aceita a pecha de "coitadinho" e sempre foi um exemplo de superação, na vida e na arte.

A sinopse da apresentação registra que o artista "pesquisa e se apropria da vida e das obras de Frida Kahlo e, ao descobrir o martírio de seu corpo diferenciado, utiliza os mais marcantes episódios da biografia dela no processo criativo", frisando que a mexicana teve "incisivas dores oriundas de sua solidão, de suas paixões, da poliomielite e do seu corpo dilacerado pelas sucessivas e inúmeras cirurgias".

INTERAÇÃO

O performer se expõe completamente e tira o espectador da zona de conforto ao interagir com o

público. O cenário é um espaço vazio, com um colchonete, um varal de nylon e o figurino. Seguindo uma vertente surrealista, tem um pano pendurado em cima do cenário, numa referência ao espelho colocado pela mãe de Frida, em cima de sua cama, que baseou a artista na pintura de vários autorretratos. Neste pano, são projetadas fotos e obras da mexicana durante a performance do alagoano.

"Eu peço aos espectadores que me levem da cadeira para o colchonete e que ajudem a me trocar, já que sozinho eu não consigo, eles vão tirando a minha roupa e colocando no varal", revela. O artista cênico também distribui lanternas com cores para o público interagir com a cena e, por fim, lápis hidro-

cores para as pessoas escreverem o que estão sentindo ao se deparar com o corpo diferenciado. E esta escrita é feita no próprio corpo desnudo do artista, e registrada em fotografias.

Além da visão, audição e tato, o artista aguça o sentido olfativo, ao borri-far lavanda no espaço, representando o cheiro característico dos bebês, já que uma das maiores frustrações de Frida foi não ter conseguido ser mãe por causa do seu corpo diferenciado. Após ser vestido com a ajuda dos presentes, o performer inicia um debate com os espectadores.

"Eu quis mostrar que, na verdade, somos todos dependentes um do outro e que o meu corpo diferenciado apenas exacerba esta dependência", reflete.